

REFLEXÕES SOBRE APRENDIZAGEM DE INGLÊS E SUBJETIVIDADE NO COMMUNICATION CAFÉ

Clarissa Costa e Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo: Este trabalho pretende apresentar e discutir sobre como o processo de aprender a se comunicar em inglês tem a ver com questões relativas a subjetividade dos aprendizes. A partir de reflexões teóricas, sobre aspectos subjetivos pessoais e sociais, e de reflexões práticas, tecidas a partir das experiências vivenciadas no Communication Café, este estudo traça um panorama de como aspectos subjetivos podem influenciar, mas não limitam o dizer/ser de cada pessoa. O Communication Café é um projeto de extensão desenvolvido na UESB desde 2014 e visa criar oportunidades para a prática oral da língua inglesa através de seus encontros semanais. Este estudo poderá interessar estudiosos, pesquisadores e curiosos sobre a complexidade envolvida no processo de se tornar um falante fluente de inglês no Brasil.

Palavras-chave: inglês. Communication Café. subjetividade.

1. Introdução

Este estudo se propõe a apresentar e discutir sobre como o desenvolvimento de habilidades comunicativas em inglês está, além de outros aspectos, atrelado a questões de subjetividade dos falantes. Após uma reflexão teórica sobre este assunto, este trabalho apresentará algumas reflexões a partir das experiências de aprendizagem colaborativa de inglês no projeto de extensão Communication Café, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Tendo em vista o mundo globalizado em que vivemos, há uma grande necessidade de que reflitamos sobre o processo de aprender inglês no Brasil. Principalmente, sobre como há fatores que influenciam este processo e o desempenho de aprendizes desta língua estrangeira. Sabemos que em muitos contextos de ensino a atenção dada ao desenvolvimento de habilidades comunicativas em inglês é mínima e que muitos aprendizes não compreendem suas possibilidades de usá-la em contextos reais de comunicação. Dados esses fatores, que se traduzem em um baixo número de falantes de inglês em nosso país, faz-se necessário que discutamos algumas questões ligadas a aprendizagem desta língua e subjetividade. Afinal, se a língua inglesa é ensinada nas escolas, como podemos aprender a nos comunicar neste idioma? Como questões de subjetividade influenciam o processo de aprender e usar a língua inglesa em contextos comunicativos?

Estas são questões chaves que merecem a atenção de professores e estudiosos do complexo processo que é se tornar um falante de inglês como língua estrangeira. Tendo em vista o caráter de língua franca (CRYSTAL, 2003) que o inglês assume em nossa sociedade globalizada, através da qual importantes questões econômicas e políticas são discutidas e decididas, sabermos usar essa língua de maneira eficaz implica na possibilidade de fazermos parte destas discussões e tomadas de decisão. Portanto, quanto mais falantes deste idioma, melhores serão nossas chances de interferirmos em questões importantes que dizem respeito ao nosso país e também ao mundo em geral. Segundo pesquisa sobre “Demanda de Aprendizagem de Inglês no Brasil”, encomendada pelo British Council em 2013, apenas 5.1% da população brasileira, majoritariamente jovem (16 anos ou mais), declararam ter algum conhecimento da língua inglesa (47% nível básico; 32% intermediário; 16% avançado; 5% não sabiam quantificar o nível de conhecimento da língua). Apesar desta mesma pesquisa revelar que havia pessoas interessadas em começar a estudar o idioma em 2014, mais precisamente 9% dos entrevistados, ainda assim, temos como resultado um número bastante insatisfatório para um país do tamanho e proporção populacional como o Brasil. Outro dado importante, desta mesma pesquisa, indica que a maior parte dos que declararam ter algum conhecimento da língua inglesa são advindos de classe alta (9,9%) e média (3,4%).

Levando em consideração esses dados, e também nossas próprias experiências de aprendizes de inglês, enquanto estivemos no processo de formação da educação básica e mesmo superior, temos um retrato preocupante do cenário da aprendizagem de inglês em nosso país. Primeiramente preocupante, pois quase não temos pessoas falantes de inglês e, assim, aptas para participar ativamente de discussões e decisões mundiais importantes. Segundo Foucault (1996), há uma intrínseca relação entre linguagem e poder e que, historicamente, nações poderosas tendem a exercer controle sobre aquelas dominadas muitas vezes através da língua que impera naquele contexto histórico, político, cultural e social. Portanto, se não temos acesso ou habilidades necessárias para participarmos de discussões mundiais importantes, muitas vezes conduzidas em inglês nos fóruns e parlamentos no exterior, assumimos o papel de nação dominada e, conseqüentemente, incapaz de nos posicionarmos e interferirmos ativamente nestas discussões. Ainda, temos um outro fator preocupante no que diz respeito a juventude (de 6 aos 15 anos de idade), que não aparece nos dados encontrados na pesquisa mencionada. Se essas crianças tem a disciplina de língua inglesa na escola em suas series iniciais e intermediárias, por que não aparecem nas

estatísticas sobre “saber o idioma”? Essa é uma questão que precisa de mais discussões e ações, para que possamos compreender o que subjaz a estas lacunas entre estudar e ter ou não conhecimento sobre o objeto de estudo.

Se os alunos(as) tem a disciplina de língua inglesa em suas grades curriculares, mas declaram não saberem a língua, ou terem poucos conhecimentos sobre a mesma, é necessário que olhemos para eles, suas subjetividades, suas trajetórias de aprendizagem, experiências. Neste estudo, a questão da subjetividade na aprendizagem da língua será encarada como algo imbricado de influências e forças políticas, econômicas, culturais e sociais, tendo em vista a sociedade em que vivemos e as interferências que esta exerce sobre todos nós.

2. Subjetividade e linguagem: como aprendo ou aprendemos inglês?

A palavra subjetividade aparece muitas vezes atrelada ao nosso “eu”, nossas próprias formas de ser, pensar e agir no mundo. Essa perspectiva, fundamentada em uma concepção que diz respeito as nossas características pessoais, físicas, psíquicas e emocionais, talvez seja uma das que mais encontramos em estudos e discussões ligadas ao campo da psicologia humana. Cada pessoa é vista com um ser único e, através de seu autoconhecimento, tem a possibilidade de aperfeiçoar-se e adquirir consciência sobre suas próprias possibilidades. Vejamos como dicionário Houaiss define subjetividade:

Qualidade de subjetivo, individual, particular; relativo ou próprio do indivíduo. Qualidade do que expressa pontos de vista e julgamentos de valor da própria pessoa, seus sentimentos e preferências. Condição do que é abstrato, por oposição ao que é concreto, objetivo: subjetividade de uma obra de arte. [Filosofia] Condição da atividade psíquica que, relacionada com o próprio indivíduo, é tida por ele como sua. [Filosofia] Estado psíquico e cognitivo do sujeito cuja manifestação pode ocorrer tanto no âmbito individual quanto no coletivo, fazendo com que esse sujeito tome conhecimento dos objetos externos a partir de referenciais próprios. (HOUAISS, 2001)

Conforme esta definição, subjetividade diz respeito ao sujeito e as suas peculiaridades pessoais e abstratas. Esta perspectiva é bastante interessante quando pensamos no processo de aprendizagem de inglês, pois nos faz refletir sobre como cada um possui características particulares e que estas devam ser respeitadas e aproveitadas neste processo. Por exemplo, se temos um aluno bastante tímido em classe, que não está disposto a se expressar verbalmente em atividades interativas, enquanto educadores, devemos ter consciência desta característica pessoal do aprendiz. E, a partir desta conscientização, procurar caminhos para uma ressignificação que o permita aprender em conjunto com os outros colegas. Apesar de ser um

desafio, reconhecermos as características pessoais de cada um, nos ajudará a buscarmos, junto a este aprendiz, formas que o possibilite refletir sobre sua subjetividade e, possivelmente, interferir nesta a fim de adquirir novas competências na língua alvo.

Ainda, estudiosos da psicologia humana nos permitem outras formas de pensar e discutir a perspectiva da subjetividade na aprendizagem. Por exemplo, sobre a questão acerca de como cada um aprende, ou poderá aprender algo, (a partir de suas particularidades pessoais, comportamentais e emocionais) sabemos que há interferências do comportamento individual, mas também social do indivíduo. No processo de aprendizagem de inglês discutimos muito sobre a importância de sabermos como cada um aprende o idioma, a fim de que possamos estabelecer um ritmo e um currículo de aprendizagem personalizados. Ainda, para que possamos incentivar a colaboração entre os diferentes perfis de aprendizes, pensando na teoria do andaime de Vygotsky (1978), em que um estudante mais preparado ajuda seu par menos preparado a alcançar objetivos específicos durante uma atividade. Nesse processo de colaboração, os aprendizes passam a ensinar e a aprender em conjunto, respeitando as diferenças, limitações e potencialidades de seus pares. Para Gardner (1995), os aprendizes possuem inteligências múltiplas (*Multiple Intelligences*) que devam ser conhecidas e exploradas no processo de aprendizagem. Apesar de sua teoria separar as inteligências em oito tipos (espacial, corporal, interpessoal, intrapessoal, musical, linguística, logico-matemática, naturalista) e reconhecer que cada pessoa poderá ter aptidões específicas, Gardner (1995) entende que estas não se limitariam a apenas um tipo de inteligência, mas que algumas poderão se sobrepôr. Vejamos um pouco sobre esta perspectiva:

mesmo um papel aparentemente simples, como tocar um violino, transcende à simples inteligência musical. Tornar-se um violinista bem-sucedido requer destreza corporal-cinestésica e as capacidades interpessoais de relacionar-se com uma audiência e, de maneira um pouco diferente, de escolher um empresário; muito possivelmente, envolve também uma inteligência intrapessoal. A dança requer capacidades nas inteligências corporal-cinestésica, musical, interpessoal e espacial em graus variados. (GARDNER, 1995)

De acordo com esta concepção, acessamos várias habilidades, ou melhor, inteligências, ao realizarmos alguma determinada tarefa. Portanto, há uma inter-relação entre as inteligências ou competências para que alguém seja capaz de realizar algo de modo satisfatório. Mais uma vez, faz-se necessário frisar que a escola e os educadores assumem o papel de mediadores do processo de aprendizagem nesta perspectiva, oferecendo suporte para que cada um possa desenvolver suas potencialidades. Apesar de desafiador, pensar e discutir sobre essas

perspectivas acerca da subjetividade sob a ótica da psicologia humana, abre portas para que busquemos práticas pedagógicas mais humanas.

Ainda, podemos pensar em subjetividade em uma perspectiva sociológica. Esta, assim como a perspectiva psicológica, nos oferece caminhos interessantes para refletirmos sobre o processo de aprender inglês. Conforme mencionado anteriormente, há uma relação de poder (FOUCAULT, 1996) que rege nossa sociedade e que acaba por estabelecer lados e/ou posições distintas para cada pessoa ou país, como por exemplo, entre rico e pobre, dominador e dominado, colonizador e colonizado, etc. Tendo em vista tal concepção, a compreensão de subjetividade é, portanto, permeada e constituída por influências externas fortes que a formam, modelam e, caso tivéssemos a possibilidade de ressignificação, possivelmente, poderíamos remodelá-la para acomodar nossos anseios e necessidades. Mas, para que isso aconteça, seria preciso uma conscientização social sobre a urgência de assumirmos um papel ativo na sociedade, ocupando e participando de espaços até então vazios e silenciados; porque não fazíamos parte destes, ou porque não tínhamos condições políticas, econômicas e linguísticas para os integrarmos.

Portanto, temos na perspectiva sociológica, uma subjetividade social, construída por e através do contexto que nos circunda e nos impele. No tocante ao ensino de inglês, quando analisamos a história deste idioma, vemos que ele ocupa lugar de destaque desde os primeiros tempos. E que, a partir da Revolução Industrial, liderada pela Inglaterra, o inglês assume uma posição de língua franca, dos negócios (CRYSTAL, 2003) e passa a liderar e a ocupar diversos espaços no mundo globalizado. Dada esta ascensão, muitas nações desenvolvidas procuraram formas de ensiná-la de modo eficaz em suas escolas, a fim de poderem participar do mercado cada vez mais competitivo que se formava. O resultado deste processo foi o crescimento do interesse de muitos em aprender inglês, mas devemos nos lembrar que nem todos tiveram as mesmas condições de aprendizagem. Muitos países incluíram o idioma em seus currículos, mas sem sucesso em efetivamente democratizar o ensino para todos. Segundo Perrenoud (2002), para que o ensino seja eficaz e permita que o estudante use aquele conteúdo em sua realidade, o ensino deve se basear na seguinte filosofia:

O desafio é ensinar, ao mesmo tempo, atitudes, hábitos, *savoir-faire*, métodos e posturas *reflexivas*. Além disso, é importante, a partir da formação inicial, criar ambientes de análise da prática, ambientes de partilha das contribuições e da reflexão sobre a forma como se pensa, decide, comunica e reage em uma sala de aula. Também é preciso criar ambientes (...) para o profissional trabalhar sobre si mesmo, trabalhar seus medos e suas emoções, onde seja incentivado o desenvolvimento da pessoa, de sua identidade. (PERRENOUD, 2002)

Portanto, um ensino de qualidade e sistemático é aquele abre espaços para reflexões diversas, a fim de que o aprendiz veja conexões entre o que se aprende e o que vive em sua realidade. Deste modo, questões subjetivas psicológicas não podem ser isoladas das questões subjetivas sociais que nos constitui enquanto sujeitos, caso contrário, correríamos o risco de reduzir as chances de uma compreensão mais clara e coerente de quem somos e para onde vamos em nossa sociedade. Neste estudo, a subjetividade é vista sob estas duas perspectivas, reconhecendo as particularidades de cada um, mas também como estas particularidades são impelidas por informações do meio social em que um indivíduo vive. A seguir, discuto sobre estas perspectivas de subjetividade e aprendizagem a partir das experiências no Communication Café.

3. Sobre o Communication Café: projeto de extensão da UESB

O projeto de extensão Communication Café se caracteriza como um espaço para a prática da conversação em língua inglesa e tem sido realizado no campus da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, em Vitória da Conquista, desde 2014. O objetivo de criação deste projeto se deu pela necessidade de termos no campus um espaço gratuito e aberto a comunidade acadêmica e externa, onde pudessem desenvolver habilidades comunicativas em inglês. Eu, professora assistente de língua inglesa nesta instituição desde 2012, e coordenadora desta ação de extensão, percebi que era necessário criar oportunidades para que a comunidade tivesse um espaço de aprendizagem colaborativo com foco na conversação em inglês.

Apesar da língua inglesa ser ofertada em alguns programas de graduação na UESB, muitas vezes não há tempo hábil, durante o período de um semestre letivo, para que todos os estudantes pratiquem de maneira efetiva apenas a conversação em inglês. Além disso, tendo em vista o caráter social das ações de extensão desenvolvidas pela universidade, sempre procuramos integrar a comunidade externa no Communication Café, democratizando os espaços e conhecimentos produzidos na universidade. Portanto, o projeto veio para atender a uma real necessidade de promovermos encontros de interação e aprendizagem em um ambiente comunicativo autêntico.

As dinâmicas dos encontros são organizadas a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: seleção de temas para discussão, seleção de materiais de suporte (textos, músicas, entrevistas, vídeos, etc.), consulta aos participantes sobre temas de interesses, planejamento de atividades para atender as demandas/interesses e necessidades dos participantes, escrita de perguntas mediadoras das discussões e pesquisa de vocabulário relacionado ao tema abordado, para serem apresentados aos participantes no início de cada encontro. Durante os encontros, a partir do tema inicial proposto, novos temas emergem, tendo em vista o caráter dinâmico de interações de comunicação. Como mediadora das interações, utilizo estratégias motivacionais, a fim de incentivar para que todos os participantes se sintam confortáveis e convidados a contribuir para o fluxo das interações.

Desde 2009, enquanto aluna do curso de pós-graduação em Linguística Aplicada na Universidade Federal de Uberlândia e monitora de um espaço de conversação chamado *Tea Break*, percebo que espaços como o do Communication Café são importantíssimos nas universidades. Primeiro, para que todos tenham a chance de praticar a língua através de conversações reais. Segundo, para que tenham a chance de interagir uns com os outros, aprender uns com os outros e trocar conhecimentos, já que cada um vem de um campo de estudo específico e poderá construir novos conhecimentos a partir dessas interações (preceito da interdisciplinaridade). Em 2012, enquanto aluna visitante na Universidade de Iowa, também fui monitora de um espaço de conversação para a prática da língua portuguesa e, também neste contexto, puder notar o quão valioso é a experiência de unir pessoas de diferentes campos em torno de uma prática de aprendizagem de língua baseada em um preceito colaborativo.

Portanto, o Communication Café advém de uma gama de experiências docentes que vivi em outros espaços universitários e que, na UESB, tem ajudado a tornar a prática oral da língua inglesa algo mais natural e próxima da realidade de estudos e vida de todos os participantes dos encontros semanais. A seguir, algumas observações práticas sobre como devemos nos atentar para as especificidades subjetivas de cada um.

4. O Communication Café: como “eu” pratico inglês?

Nesta sessão, discutirei acerca de algumas reflexões práticas a partir das experiências vividas no projeto de extensão Communication Café, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Conforme mencionei anteriormente, este projeto se caracteriza como um

espaço de conversação para a prática da oralidade em língua inglesa. Sem a necessidade de uma inscrição ou preparação prévia para participar dos encontros, os participantes interessados em praticar a fala em inglês se responsabilizam a comparecerem e contribuir para cada encontro. Cada participante contribui para que as conversas se iniciem, se desenvolvam e terminem a partir de suas habilidades e competências linguísticas específicas.

Faz-se necessário dizer sobre como a subjetividade de cada um se destaca ao interferirem neste espaço, seja em atos comunicativos simples, como por exemplo, quando chegam na sala e cumprimentam seus pares, ou alguns mais complexos, quando querem expressar suas opiniões acerca de algum tema em destaque. De fato, as capacidades linguísticas e comunicativas de cada um revelam aspectos interessantes sobre o conhecimento linguístico de cada participante, mas também aspectos curiosos ligados a subjetividade destes. As escolhas linguísticas verbais e não verbais informam sobre as competências linguísticas dos participantes e sobre a constituição destes sujeitos em um contexto social de interação. Entretanto, não podemos nos esquecer de que, apesar de alguns participantes demonstrarem alguns aspectos de suas personalidades, estas não informam totalmente sobre seu comportamento social nos encontros. Na verdade, muitas vezes, as aparentes características pessoais de cada um assumem um novo formato quando estes interagem no grupo de conversação. Portanto, essas características pessoais não limitam todos os aspectos da subjetividade de um sujeito, mas apenas traços aparentes destes que se desdobram ou podem se desdobrar a medida em que estes interagem com seus pares. Ou seja, mesmo que um participante se denomine introvertido, seria limitador considerarmos que ele/ela não poderia demonstrar traços de sua subjetividade social, que o impele a ser extrovertido para se expressar na língua estrangeira. De fato, temos que levar em conta essas possibilidades de mudanças ou ajustes subjetivas que cada um decide fazer para encarar o mundo e seus desafios. Para muitos participantes, por vezes, basta apenas um incentivo ou convite para que eles demonstrem uma nova faceta abstrata de sua subjetividade e uma disponibilidade de exercita-la a fim de contribuir com as atividades do grupo. Vejamos, como exemplo ilustrativo abaixo, o perfil de dois participantes (geralmente muito assíduos aos encontros) e de como seus comportamentos informam sobre sua personalidade, mas não delimitam aspectos de suas subjetividades. As identidades destes participantes não serão reveladas neste trabalho, por não haver necessidade e, também, pois os perfis em questão poderiam também informar sobre outros participantes concomitantemente.

<p>Perfil de participante 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - tímido; - introvertido; - fala em voz baixa; - participativo e interessado; - nível de fluência alto. 	<p>*Aspectos de sua subjetividade:</p> <p>Apesar de traços de personalidade mais reservados, se mostra <u>sempre disposto a participar das</u> conversações; <u>se manifestando espontaneamente</u> em muitos momentos das interações.</p>
<p>Perfil de participante 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> - extrovertido, - fala alto; - participativo e interessado; - nível de fluência intermediário. 	<p>*Aspectos de sua subjetividade:</p> <p>Participante <u>sempre disposto a participar e a convidar outras pessoas</u> a dizerem o que pensam sobre determinado tópico, <u>apesar de suas limitações linguísticas</u> na língua inglesa.</p>

A partir destes perfis e dos traços de subjetividade destacados acerca dos dois participantes do Communication Café, podemos pensar sobre como é limitador julgar alguém e suas capacidades comunicativas pelo seu aparente comportamento em ambientes de conversação de inglês. Seria muito limitador e incoerente pensarmos que, por uma pessoa demonstrar que tem uma personalidade mais tímida, esta não estaria disposta a interagir de modo ativo em interações comunicativas. Como vimos, o participante que seria aparentemente tímido, revela que naquele contexto, sua subjetividade social o impele a se tornar uma fonte de novas interações, a partir de sua disponibilidade de se expor e contribuir com seus conhecimentos específicos e linguísticos da língua inglesa. Também, o perfil de um participante extrovertido, nos revela traços interessantes de sua subjetividade. Apesar de suas limitações linguísticas, o participante se esforça para contribuir ativamente com as discussões e ainda integrar os colegas as interações no grupo. Portanto, novamente, salientamos como os traços de subjetividade de cada um esta atrelado a fatores pessoais, mas também ao contexto social no qual este esta inserido.

Apesar da subjetividade não ser algo físico, que podemos medir ou aferir, ainda é muito importante que busquemos olhar para esse fator que nos constitui e informa sobre quem somos. Afinal, conforme mencionado na introdução deste estudo, ainda há muita necessidade de que reflitamos sobre maneiras de buscarmos que mais pessoas estudem e aprendam a usar a língua inglesa em situações comunicativas diversas no Brasil. Quanto mais compreendermos sobre como nossa subjetividade interfere na aprendizagem, mais

oportunidades termos de sermos bem-sucedidos neste complexo processo de nos tornarmos falantes de uma língua estrangeira.

Como sabemos, muitas das questões que interferem na aprendizagem de uma língua estrangeira perpassam por decisões práticas, como seleção de materiais didáticos, organização do espaço físico, delimitação de conhecimentos a serem trabalhados no currículo, treinamento docente, etc. Mas, também há questões implícitas e abstratas que interferem no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, como é o caso da subjetividade dos aprendizes. Cada pessoa tem um jeito, personalidade, preferências, aptidões, limitações e possibilidades. Neste estudo, já salientamos o quão importante é reconhecer a existência destes fatores, para que não ignoremos aspectos importantes de nossa própria constituição pessoal e social.

Apesar de ser um desafio nos atentarmos e reconhecermos os traços da subjetividade de nossos alunos(as), ainda assim devemos buscar estratégias para o fazer. Definitivamente, receitas prontas sobre como podemos fazer isso não há. Mas, com determinação e esforços de todos seria possível que, a partir de uma maior compreensão sobre quem somos e de nossas possibilidades de exercer todos os traços/lados de nossa subjetividade, pudéssemos melhor aprender e usar o inglês em situações comunicativas reais. A seguir, algumas considerações finais.

5. Conclusões

Este estudo, que buscou apresentar e discutir sobre como aspectos da subjetividade dos aprendizes tem facetas de caráter pessoal e também social, que interferem no processo de aprendizagem, conclui que temos ainda muito o que discutirmos e apresentarmos sobre este tema. O aspecto da subjetividade atrelado ao processo de aprendizagem ainda não é um assunto muito claro para incorporarmos em nossas práticas docentes, a fim de maximizarmos ao máximo as chances de aprendizagem dos nossos alunos(as). Portanto, há ainda muita necessidade de que exploremos esse tema e procuremos por formas práticas de podermos verdadeiramente pensar a subjetividade na aprendizagem como um meio de nossos alunos(as) alcançarem seus objetivos. No caso da aprendizagem da língua inglesa, seria interessante que os aprendizes se tornassem falantes fluentes desta língua ao longo do seu processo de formação básica nas escolas. Como vimos, essa é uma realidade ainda distante no Brasil, mas certamente, possível de ser alterada caso melhor compreendamos e ajamos sobre ela.

Dentre os resultados reflexivos que este estudo apresenta, temos: a subjetividade é algo que diz sobre as características pessoais e sociais de um indivíduo, já que este faz parte de um meio social que o forma e informa a todo o momento. Também, este estudo aponta para a necessidade de não julgarmos as potencialidades de aprendizagem de nossos alunos(as) baseando-as somente em aspectos relativos a subjetividade pessoal destes, ou seja, aquelas características ou comportamentos pessoais aparentes que demonstram ter. Como vimos, os aprendizes tem aspectos relativos a subjetividade social (aquela que os impele a ser e agir de determinados modos, tendo em vista o seu meio social) que os possibilita ir além do exercício de aspectos de subjetividade pessoal. Portanto, uma aluno(a) tímido não esta, necessariamente, predisposto a não querer participar das atividades comunicativas. Pelo contrário, tendo em vista o contexto comunicativo no qual ele se insere, este poderá revelar aspectos de sua subjetividade social que o impele a querer participar e interagir com seus pares de modo ativo.

Ainda, temos que mencionar que este estudo não deu conta de abarcar todas as facetas ligadas as questões de subjetividade na aprendizagem, ligadas ao ensino de inglês. Por isso, seria interessante que mais estudos e pesquisas sobre este tema sejam realizadas e divulgadas, para que tenhamos a possibilidade de nos compreender melhor e, assim, as nossas potencialidades de aprender a nos comunicar na língua inglesa. Conforme enfatizado aqui, a língua inglesa ocupa lugar de destaque no mundo, portanto, deve também ocupar lugar de destaque em nossas escolas, salas de aula, grupos de conversação. Se dermos melhores condições de trabalho aos professores(as), de treinamento destes, e buscarmos explorar essas questões mais a fundo, possivelmente, em um futuro próximo, poderíamos nos inserirmos nas grandes e importantes discussões e tomadas de decisão mundiais, na procura do bem comum para nosso país e nosso planeta.

REFERÊNCIAS:

BRITISH COUNCIL. *Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil*. 1 Edição: São Paulo, 2014. Disponível em: http://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagem_pesquisa_completa.pdf (Acesso em 11/04/2019)

CRYSTAL, David. *English as Global Language*. 2 Edition: Cambridge, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GARDNER, H. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PERRENOUD, P. *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor: profissionalização e razão pedagógica*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

VYGOTSKY, Lev. S. *Mind in Society: The development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.